

A IMORALIDADE DO ORGASMO FEMININO
EM A *HISTÓRIA DE CADA UMA*:
*OS SERÕES DO CONVENTO*¹

THE IMMORALITY OF FEMALE ORGASM IN A *HISTÓRIA
DE CADA UMA: OS SERÕES DO CONVENTO*

MARIA ISABELA BERENQUER DE MENEZES²
NATANAEL DUARTE DE AZEVEDO³

1 Esta pesquisa tem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, através da Bolsa de Produtividade em Pesquisa 2 (PQ2).

2 Graduada em Letras (UFRPE). Mestranda em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE).

3 Doutor em Letras (UFPB). Professor Adjunto (PROGEL/UFRPE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq).

Resumo: A breve discussão que se sucede pretende analisar a representação do gozo feminino através dos conceitos psicanalíticos de Real, Simbólico e Imaginário, aplicados ao *corpus* do romance ficcional *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), de Rabelais, pseudônimo atribuído a Alfredo Gallis. A análise do romance pornográfico se insere numa perspectiva historiográfica da literatura brasileira, tendo como recorte o período finissecular de Oitocentos, considerado um marco temporal na circulação de obras licenciosas, para serem lidas com uma única mão, e no protagonismo da sexualidade no campo literário-psicanalítico.

Palavras-chave: literatura pornográfica, literatura e psicanálise, orgasmo feminino, *A história de cada uma: os serões do convento*.

Abstract: The brief discussion that follows intends to analyze the representation of female orgasm through the psychoanalytic concepts of Real, Symbolic and Imaginary, applied to the corpus of the fictional novel *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), by Rabelais, pseudonym attributed to Alfredo Gallis. This investigation will take place through the prism of pornographic literature, as well as in the light of psychoanalytic methods of analysis. The analysis of the pornographic novel is part of a historiographical perspective of Brazilian literature, considering the end of the 19th century, considered a time frame in the circulation of licentious works, to be read with a single hand, and in the protagonism of sexuality in the literary-psychoanalytic field.

Keywords: pornographic literature, literature and psychoanalysis, female orgasm, *A história de cada uma: os serões do convento*.

1. INTRODUÇÃO

A pornografia como mote teve sua trajetória reduzida à categoria menor no campo das letras, sobretudo, em fins do século XIX, no Brasil. Neste sentido, ressaltamos, nesse breve estudo, a necessidade de desmistificar, ainda no século XXI, a noção menor atrelada à pornografia enquanto categoria literária. Isso porque, no âmbito letrado ainda há certa dificuldade, em especial, nos estudos da Literatura, para teorizar ou construir proposições de análises de obras que carregam em si o estigma de literatura menor e/ou inferior por tratar de temas que envolvem a sexualidade explícita (AZEVEDO, 2015).

Para uma melhor compreensão geral do estudo proposto, que considera a historiografia da literatura pornográfica e a sua circulação no Brasil de fins do século XIX, bem como identifica elementos que caracterizem o gozo feminino, na perspectiva psicanalítica no cerne da narrativa, se faz necessário um breve resumo da obra a qual será trabalhada; por isso, a necessidade de explanação acerca do romance *Os serões do convento*⁴ (1862, M. L., atribuído a José Feliciano de Castilho), uma vez que *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) caracteriza-se, provavelmente, como uma sequência do romance de Castilho.

4 De acordo com Maia e Lugarinho (2018), *Os serões do convento*, atribuído a José Feliciano de Castilho, é o primeiro volume de uma série de um projeto literário.

Sendo assim, *Os serões do convento* (1862), primeira série do projeto editorial, traz em sua configuração o modelo de contação de histórias, divididas em tomos, os quais principiam a partir da contação dos casos amorosos da Madre Abadessa Maria da Natividade diante algumas irmãs de clausura, após uma das festividades conventuais, em que a prelada se encontrava embriagada.

Tal situação é notavelmente embaraçosa para a Abadessa, tendo em vista sua representação eclesiástica. Contudo, ela, juntamente com a “Soror discreta” Teresa de Jesus, de maneira estratégica, organizam serões em que algumas das freiras, que testemunharam seu locutório, foram convidadas a contar histórias galantes as quais tinham conhecimento. A partir daí, o livro se desenrola durante três serões, divididos em Tomos I, II e III.

Sendo o Tomo I segmentado em: Introdução; Serão I – “De como a Abadessa do Convento... Festejou o Milagroso Padre Santo Antônio”; “O que umas Ceroulas Podem Conter de Pacificação”; “Remédio Infalível; História do Jardineiro Mudo”; “O Dízimo das Casadas”; “O Cabide”; “A Rosa e o Anel”. Em seguida, o Tomo II, o qual se divide em: Serão II – “A Eremita”; “A Embaixatriz”; “O Baile Fosfórico”; “Um Italiano que Vive da sua Prenda”. E por último, o Tomo III, que comporta apenas uma das histórias: “Segundo Roberto do Diabo”.

Já no que diz respeito ao *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), segunda série do projeto editorial e *corpus* da discussão aqui proposta, podemos dizer que existe uma evidente noção de continuidade de *Os serões do convento* (1862), visto que o primeiro se faz desdobramento do que ficou em aberto no segundo. Essa caracterização é comprovada, logo de início, em *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), em que o autor ressignifica, literariamente, o intervalo da narrativa entre a publicação de um livro e de outro a um período de “oito dias”:

Agradeça a vossa pontualidade minhas castas pombinhas, e desejarei que a concha do vosso amor tenha de tal forma estado intacta durante esses oito dias, que ouvindo as ternas aventuras das delícias do prazer, cada uma de voz possa, só com o pensamento, sentir que o néctar do gozo se extravasa inundando as vossas brancas e aveludadas coxas (RABELAIS, sd, p. 4)⁵.

Assim como na primeira série, o romance *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) se constitui através da contação de histórias entre as freiras, com características memorialísticas das aventuras licenciosas, em um tom confessional. Contudo, ao invés delas narrarem contos ocorridos a terceiros, desta vez, as “doces criaturas” contam suas próprias histórias galantes, mais especificamente, as primeiras experiências sexuais de cada uma.

5 As citações diretas de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) passaram por atualizações linguísticas para uma melhor leitura.

Dessa maneira, se segue o enredo do romance, o qual é dividido em onze capítulos: “O passado de uma abadessa”; “Uma freira modelo”; “História da Clarinha (ao que leva à curiosidade)”; “História de D. Violante guardar uma mulher”; “História de D. Margarida (quadros realistas contra a virtude)”; “História de D. Angélica o que uma menina viu e fez... até aos 15 anos”; “História de D. Guilhermina (ver é bom, gozar é melhor)”; “História de D. Virgínia quadros desfeitos”; “História de D. Cecília a mocidade de uma noviça”; “História de D. Delfina virgem!”; “Conhecimentos antigos”.

Após contextualizar nosso objeto de estudo, iremos propor sua relação com as teorias e conceitos psicanalíticos, tendo em vista que a palavra e a sexualidade são elementos essenciais na construção metodológica da psicanálise. Nesse sentido, pode-se dizer que analisar *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), sob tal ótica, será frutífero. Por isso, nos apoiaremos na perspectiva lacaniana de Real, Simbólico e Imaginário enquanto construção psíquica para a análise literária, com o objetivo de compreender como é representada a pulsão do gozo feminino, no romance pornográfico anticlerical.

No que diz respeito aos traços anticlericais marcantes no romance, podemos perceber que na construção do texto há uma inversão de valores cristãos como instrumento de crítica ao poder da Igreja. Nesse sentido, vemos essa crítica articulada a uma con-

cepção antropocêntrica, através da configuração das instituições cristãs, caracterizada pela representação de “padres e freiras, representantes da palavra de Deus entre os fiéis na Terra, [que] tornavam-se, sob a pena desses escritores, exímios sedutores e donos de uma sexualidade insaciável” (EL FAR, 2004, p 191). Isso porque, há no cerne das narrativas anticlericais a dessacralização dos sujeitos eclesiásticos em indivíduos com uma sexualidade voraz, já que é evidente as nuances de prazer no ambiente religioso, bem como dos atores que o compõe, “pondo sob suspeição a legitimidade da Igreja, das hierarquias e do pensamento religioso” (MENDES, 2017, p. 179).

Essa estratégia literária de tomar a sexualidade como artifício para criticar a Igreja, através da literatura pornográfica anticlerical, muito tem a ver com a idealização do desejo da carne relacionada ao celibato, visto que

O celibato, particularmente nos séculos XVIII e XIX, será diagnosticado como um atentado contra a fisiologia humana, ou ainda, indicado como a causa principal que justificaria a maior incidência de atos imorais e criminosos entre clérigos (SANTOS, 2010, p. 59).

Tal luxúria ávida dos(as) religiosos(as), bem como a dessacralização da instituição cristã, revela-se, ainda, no primeiro capítulo de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), durante a descrição do pas-

sado da Abadessa, em que D. Natividade relata sua inserção nas voluptuosidades ocorridas no convento:

Sete mulheres e quatro homens, todos reverendos de confiança. Ao princípio correu tudo na maior decência. Apenas um ou outro dito apimentado esfuziava aos nossos ouvidos. Quando, porém, vieram os doces e vinhos finos, a madre arrojou fora o hábito e ficou em camisa e os homens imitaram-na, assim como todas as educandas. Não imaginam que beleza era ver aqueles 14 seios palpitantes e trêmulos de luxúria, oscilarem como grandes pérolas e serem absorvidos com beijos e regados com finíssimo vinho (RABELAIS, sd, p. 13).

Portanto, delimitar o recorte deste estudo à representação do orgasmo feminino é também endossar a transgressão da noção de passividade atrelada à feminilidade, tendo em vista que mulheres, em seu sentido amplo, são sujeitos desejanter, os quais devem ter autonomia de conhecer e delimitar suas questões sexuais de maneira plena. Sendo assim, pretendemos, através da discussão proposta, refletir acerca das perspectivas que constituem o desejo e a prática sexual feminina, de forma profusa.

2. NARRADORAS INDECENTES: O ORGASMO FEMININO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A concepção psicanalítica de constituição do sujeito, a partir do primeiro ensino de Lacan (década de 1950), baseia-se na composição dissimétrica de es-

truturais psíquicas: neurose, psicose e perversão, as quais estão intimamente ligadas à resolução do complexo de Édipo, na fase infantil. Considerando que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a partir dos movimentos de metáfora e metonímia (LACAN, 1999), pode-se dizer que na teoria lacaniana o RSI (que são registros da ordem do Real, do Simbólico e do Imaginário) está imbricado à composição do complexo de Édipo, que se caracteriza como processo formador da psique humana, o qual se dá ainda na infância e funciona como transcurso de inserção do sujeito, ainda anárquico, para o sujeito disciplinado, submetendo-o às leis do simbólico, às quais estão diretamente associadas à linguagem e, consequentemente, às diretrizes do convívio social e às convenções morais de uma dada comunidade.

A demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante lhe é estranho. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao Outro o que ele pode ter de real que corresponda a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse (LACAN, 1998, p. 701).

Sendo assim, podemos dizer que o complexo de Édipo, sinalizado e desenvolvido por Freud, se realiza durante os primeiros tempos de vida da criança como

concretização de sua subjetividade, desde a identificação de si, o que Lacan denominou de fase do espelho, em que esse pequeno indivíduo está completamente imerso no campo do imaginário, até a inserção total dele no campo do simbólico, da ordem social, o qual se dá através da representação do objeto fálico, pois “um significante implica outro, esse implica um terceiro, e assim por diante, *ad infinitum*: o mundo ‘metafórico’ do espelho cedeu terreno ao mundo ‘metonímico’ da linguagem” (EAGLETON, 2003, p. 251).

Em vista disso, o processo edípico explica a inserção do sujeito no campo da linguagem de modo discriminado em suas fases, constitui o que chamamos de “voz da consciência”, o que, em termos psicanalíticos, designa-se como a efetivação do papel do Ego e a divisão entre o consciente e o inconsciente humano, ou seja:

é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, demonstrando-lhes numa história a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante. É essa verdade, podemos notar, que possibilita a própria existência da ficção. Portanto, uma fábula é tão apropriada quanto outra história para esclarecê-la – nem que seja para testar sua coerência. Excetuada essa ressalva, ela tem inclusive a vantagem de manifestar tão puramente a necessidade simbólica que se poderia crê-la regida pelo arbítrio (LACAN, 1998, p. 14).

Ao observarmos as considerações de Lacan acerca do simbólico, pode-se notar a relação íntima entre a

linguagem metonímica e a produção do significante, este que organiza o consciente a partir do percurso de inserção dos sujeitos na própria linguagem, e de forma consequente no simbólico. Em síntese, o que se explana é o trânsito do processo metafórico da construção do consciente à sua solidificação enquanto linguagem simbólica, concreta, equivalente à ordem social. Logo, “o que Freud produz, na verdade, nada menos é do que uma teoria materialista da criação do sujeito humano.” (EAGLETON, 2003, p. 245). Assim,

Metaforizar o imaginário, imprimindo em seu lugar uma força simbólica, vem introduzir, na cadeia do sentido que se apresenta para o sujeito como linear, o duplo sentido, o equívoco, o tropeço, e assim por diante, evidenciando o próprio movimento da linguagem e libertando o sujeito de se situar em uma única nomeação feita por um significante primeiro que veio dar consistência a seu corpo, tirando-o da condição de um pedaço de carne (SOBRAL, 2014, p. 67).

A realização do complexo de Édipo ocorre de maneira distinta entre os gêneros, em uma perspectiva binária, tendo em vista que a castração masculina, momento de incorporação da Lei do Nome do Pai e, consequentemente, do acesso ao Simbólico, uma vez que para Freud essa castração masculina é linear e efetiva. No entanto, a castração feminina se faz “confusa” e irrepresentável. Isso porque, na teoria freudiana de constituição do sujeito e sua psique, o objeto fálico, representante de poder na ordem social, é associado

diretamente à presença do pênis para a criança masculina, já a criança feminina convive com a falta e a inveja do órgão genital masculino e, necessariamente, torna-se incompleta, sendo assim um sujeito faltante. Tal concepção é nitidamente transpassada pelos valores morais, vigentes do momento de produção da obra de Freud, uma vez que

sua exposição do processo de edipalização da menina não pode ser facilmente separada de seu sexismo. A menina, percebendo que é inferior porque é “castrada”, afasta-se desiludida de sua mãe igualmente “castrada” e se lança ao projeto de seduzir o pai. Como tal projeto está destinado ao fracasso, ela deve finalmente voltar-se com relutância para a mãe, identificar-se com ela, assumir o seu papel de gênero feminino, e substituir inconscientemente o pênis que inveja, mas que nunca poderá ter, por um bebê, que deseja ter com seu pai. Não há nenhuma razão óbvia pela qual a menina deva abandonar esse desejo, pois já sendo “castrada” ela não pode ser ameaçada pela castração. É difícil, portanto, ver qual o mecanismo da dissolução de seu complexo de Édipo. A “castração”, longe de proibir seu desejo incestuoso, como ocorre com o menino, é o que o torna possível. Além disso, para ingressar no complexo de Édipo, a menina deve transferir seu “objeto amoroso” da mãe para o pai, ao passo que o menino tem apenas de continuar amando a mãe, e como a transferência dos objetos amorosos é mais complexa e difícil também isso cria problemas para a edipização feminina (EAGLETON, 2003, p. 234).

Essa noção limitante da construção do sujeito feminino, o qual necessita submeter-se ao falo masculino quase como resignação, é evidenciada em *A histó-*

ria de cada uma: os serões do convento (sd), uma vez que o romance coloca o desejo feminino diretamente relacionado ao objeto fálico masculino, mais especificamente, o pênis. Isso se dá de diversas maneiras, desde a busca constante pelo órgão genital masculino, na maioria das vezes descrito com imensa admiração, à pequenez atrelada ao sexo entre mulheres, visto como único meio de satisfação carnal entre elas, como ato sexual incompleto. Tais aspectos visualizados no decorrer da narrativa ilustram os valores morais vigentes no seu momento de produção, os quais colocam o sexo entre mulheres no lugar da perversão, do insalubre, do desejo meramente carnal, ao passo que o dicotomiza em relação ao amor heteronormativo, já que este é colocado como sincero e romântico:

Aceitei-lhe a corte e amei-o sinceramente. Se é certo que meus sentimentos físicos se encontravam pervertidos por terem sido explorados pelos vícios e publicidades de Juliana, o coração encontrava-se puro, e as primeiras rosas do amor brotavam-se dele com toda cândida sinceridade de uma alma de quinze anos (RABELAIS, sd, p. 7).

Cabe pontuar que tal prosa ficcional, pornográfica, foi escrita por homens situados historicamente em fins do século XIX, tendo como público-alvo a comunidade leitora masculina, o que, de modo consequente, reproduz estigmas relacionados à sexualidade feminina, observemos:

Se os beijos da Juliana me excitavam, imaginem as minhas amantíssimas filhas como eu não ficaria quando ele me começou a beijar o aveludado promontório e vale adjacente, e depois os biquinhos dos seios que pareciam de diamante, tal era a rigidez com que se encontravam. Sem saber como, encontrei na minha mão direito um rolo que não era positivamente de cera, mas que no gênero, digo no gênero comparando-o com os que depois vi, era uma verdadeira beleza de torneado, de colorido e macio. O amor com que apertei, o beijei e o aconcheguei ao sei... (Alguns suspiros amorosos ressoaram no aposento) (RABELAIS, sd, p. 9).

Mesmo com a divulgação dos romances pornográficos em Oitocentos, demarcando o público-alvo (“romance para homens”, “leitura só para homens”, “leitura para homens”, “contos para velhos”, “romance para jovens”), não podemos desconsiderar que o(a) leitor(a) é dotado de astúcias (CERTEAU, 2012) para desviar e subverter as normas sociais em nome da prática de leitura. Por isso, não temos nenhuma garantia (muito pelo contrário) de que as mulheres não usavam a astúcia de leitoras curiosas para acessarem esse tipo de literatura que circulava no cenário brasileiro.

Em vista do discurso narrativo pornográfico do romance, destacamos a relação entre o desejo e a falta na psicanálise, uma vez que todo desejo advém de uma falta, a qual estimula a pulsão humana de concretização libidinal. Associada a esta busca pela concretização do desejo está a linguagem, posto que a metaforização do real através do signo designa, por si

só, o labor da ausência, ou seja, em termos psicanalíticos a linguagem é aquilo que esvazia o desejo.

Para Jacques Lacan, o inconsciente se estrutura como uma linguagem, cercada por suas singularidades, a partir das experiências empíricas dos indivíduos. Há, para o psicanalista, uma intersecção fundamental para a “ordenação” da psique humana: a relação em nó⁶ entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, os quais se constituem como basilares para as relações associativas entre o sujeito e o mundo que o cerca, dentro e fora de si.

Logo, pode-se dizer que o Imaginário se caracteriza como momento inicial de reconhecimento individual durante a infância, isto é, “o imaginário é o campo do psiquismo no qual imagem e imaginação se encontram, inaugurando no humano um primeiro modo de relação” (SOBRAL, 2014, p. 63), em que os objetos refletem um ao outro, encadeando significantes desordenados, para que haja, *a posteriori*, a ordenação de tais significantes relacionando-os aos seus significados e parâmetros sociais no campo do simbólico, visto que é através da efetiva inserção do sujeito no universo simbólico que o faz elemento do construto social.

Sendo assim, para que ocorra o remate dos três elementos psíquicos fundamentais da psicanálise, te-

⁶ “O ternário real, simbólico, imaginário é provavelmente um paradigma tão importante para a psicanálise lacaniana quanto as tópicas freudianas. Sabemos que Lacan, a partir de 1973, identifica esse ternário ao nó borromeano de três elos, ou seja, cada um dos três termos é identificado a uma das consistências do nó” (CLAVURIER, 2013, p. 125).

mos a construção do Real como “furo” de linguagem, irrepresentável, aquilo que toma o sujeito de maneira quase inacessível, uma vez que é concebido na linguagem, mas a perverte para que haja uma fuga sistêmica e interna perante o simbólico, posto que “O real é o furo, o buraco e o lugar da falta, fundamento da divisão subjetiva” (SOBRAL, 2014, p. 73).

Dessa forma, Jacques Lacan situa a função fálica feminina, inscrita muito mais no campo do Real do que no aspecto Simbólico, diferentemente da função fálica masculina, a qual se inscreve quase que completamente na perspectiva simbólica⁷. Devido a isso, Lacan cunha a noção de *não-todo*⁸, visto que, para ele, a pulsão fálica feminina é cindida, ela não está evidentemente delimitada a nenhum dos campos psíquicos, permeando pela transgressão da linguagem do (in)consciente e, por isso, aproxima-se inquietantemente do campo do Real. Por isso, o feminino ausenta-se da representação fálica no simbólico e concilia-se com a significação da linguagem irrepresentável do Real. Isso porque

7 Segundo Lemaire (1989, p. 112), “o acesso ao simbólico salda-se pelo que Lacan chamou de ‘divisão do sujeito’, pela perda de uma parte essencial dele mesmo, pois no simbólico o sujeito não pode ser se não representado, traduzido”.

8 “O lado homem se define todo pela função fálica, seu gozo sexual está todo inscrito no plano simbólico, articulado na linguagem. O lado mulher se define como *não-todo* inscrito na lógica fálica. O *não-todo* é o indicativo lógico de que a relação de uma mulher com o simbólico se dá de uma maneira particular, *não-toda* articulada por ele, pois no simbólico, campo do Outro, campo da palavra, o falo é a única referência do sexo, o que evidencia a falta de inscrição do gozo feminino no inconsciente – seu caráter irrepresentável” (SOBRAL, 2014, p. 17).

No plano imaginário, a mulher pode sentir o falo que ela tem como pequeno ou insuficiente; entretanto, o falo imaginário não é o único a entrar no jogo das posições sexuais. Para além dela, há este falo que ela não tem, mas que existe enquanto ausência, o falo simbólico. É na medida em que ela não tem o falo, quer dizer, que ela não o tem simbolicamente, que ela encontra uma posição sexual na diferença entre os sexos. Lacan (1956-1957/1994) acrescenta um novo elemento: ele precisa que o buraco, a ausência, da qual se trata na mulher, é da ordem do real, de uma falta real, e deve ser considerado como privação, a falta é no real (MARCOS, 2011, p. 154).

Ademais, podemos dizer que, em vista da noção de pouca literariedade atrelada à literatura pornográfica, muito foi perdido pela crítica, pois nos textos lascivos é possível encontrar uma abrangente gama de interpretações, uso distinto da linguagem, bem como indícios da construção de sexualidades marginalizadas. Logo, porventura, sejam esses os motivos para a denegação às narrativas pornográficas promovidas pela crítica canônica, como bem pontuam Maia, Lugarinho e Curopos (2018a).

Infelizmente, a crítica e a historiografia literária ainda insistem em práticas conservadoras por se desviarem de narrativas que põem em xeque papéis normativos de gênero e sexualidade, lançando mão, muitas vezes, de critérios relativos como literariedade, valor estético, escola literária etc., para esconder, em verdade, a incapacidade de lidarem com sujeitos que estão além da heteronormatividade e da cisgeneridade (MAIA; LUGARINHO; CUROPOS, 2018a, p. 30).

Para evidenciar as afirmações dos autores (2018a), apresentamos uma passagem de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), em que D. Virgínia, narradora do oitavo capítulo do romance, relata seus encontros com Bertha, sua amante: “Todas as manhãs, cinco ou seis vezes me exauria nos braços de meu feminino marido, já mais senhora de mim, menos timorata e inocente, gozava e gozava daquele gozo” (RABELAIS, sd, p. 122).

Percebemos que o trecho acima é rico em descrição realista, uma vez que o ato enunciativo literário das personagens se aproxima dos pensamentos e experiências “reais”, de sujeitos femininos no mundo sensível, tendo em vista a progressão libidinal descrita por D. Virgínia, a partir da liberdade sexual conquistada no decorrer das experimentações dos corpos e dos prazeres com sua amante ou, por bem dizer, seu “feminino marido”. Diante disso, evidencia-se o caráter realista de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), pois,

Em certas obras literárias, em particular na ficção realista, nossa atenção enquanto leitor é atraída não para o “ato de enunciação”, para o modo como alguma coisa é dita, para a perspectiva de onde é dito e com que finalidade, mas simplesmente para o que é dito, para o próprio enunciado (EAGLETON, 2003, p. 255).

Muito da percepção de inacessibilidade relacionada à sexualidade feminina, sobretudo ao gozo, é de-

rivada da repressão atrelada à possibilidade de desfrute do prazer pelos corpos femininos. Tanto que *A história de cada uma: os serões do convento* (sd), livro pornográfico e subversivo, é construído quase que em sua totalidade por diálogos protagonizados pelo discurso de prazer feminino. Nesse sentido, inferimos a notável representação da sexualidade feminina, explicitada no romance pornográfico anticlerical, narrada de maneira expressa, com copioso detalhamento das sensações de deleite das freiras, não apenas como criaturas dotadas somente de candura, mas também como seres munidos de desejos, o que, naquela ordem simbólica datada, era quase que inconcebível; porém, tais elucubrações foram narradas em primeira pessoa, sem pudores, na prosa ficcional. Isto posto, concebemos

que uma obra literária pode constituir-se como dispositivo analítico, na medida em que joga luz nos aspectos emergentes que perfazem as produções discursivas e o campo imaginário de uma determinada época, à medida que permite revelar a urdidura da trama discursiva sobre a qual cada mulher se engaja para constituir-se sujeito (PATRASSO; GRANT, 2007, p 136).

Então, por isso, tal romance fosse perigoso e desviante, visto que, através dele, algumas mulheres reconheceram uma libido voraz, a representação de um real prazer reprimido de várias formas, psicológicas, físicas, morais. Logo, sendo respaldadas pela diegese,

as narradoras de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) não se limitavam e, entre elas, sentiam-se seguras para “blasfemar” seus corpos e mentes, vejamos:

– E ao contato de sua língua muito macia e quente, continuou a madre abadessa, os biquinhos entesaram-se como se fossem de coral, e por todo o corpo sentia uma terrível sensação de gozo, um desejo de me distender e apertar as pernas, e no templo sagrado da minha virgindade davam-se uns pruridos e umas titilações inexplicáveis. Não há frases suficientes para traduzirem todas as sensações que me agitavam (RABELAIS, sd, p. 8).

O universo narratológico de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) nos permite acessar o íntimo, o indizível, pois o uso da linguagem pornográfica no discurso ficcional possibilita aos(às) leitores(as) ultrapassar as circunstâncias limitadoras atreladas às nossas próprias sexualidades e, conseqüentemente, o que existe de mais subjetivo na constituição do ser.

É por haver sempre algo que nunca se entrega à representação, que o real faz girar em torno de si os outros dois registros: o imaginário, a construir fabulações, e o simbólico, a encadeá-las e desencadeá-las, sempre em relação a esse ponto irrepresentável, impossível de dizer. Ao parcializar esse gozo do momento mítico do ser uno, a linguagem desenha o limite fálico, situando-o como campo do desejo, no qual é possível usufruir de um gozo que, estando inscrito num sistema simbólico, impele o sujeito a movimentar-se nos laços com o outro (SOBRAL, 2014, p. 73).

Assim, ao levar em consideração a construção estética de *A história de cada uma: os serões do convento* (sd) e as perspectivas lacanianas associadas ao gozo feminino, pode-se dizer que esse gozo é letra, alteridade, do campo do Outro e transgressão do simbólico. Percebemos, no decorrer deste estudo, que através da narrativa ficcional pornográfica pode-se compreender bastante acerca das alegorizações associadas ao gozo feminino, visto que nelas a onipresença do falo é constante, quase como um elemento substancial para a concretização da sexualidade feminina. Contudo, o que mais nos chama atenção não é a suposta incompletude da individualidade feminina, mas sim o processo de desconsideração dos desejos femininos, da impotência e do cometimento dos nossos discursos, no que diz respeito à publicização das excitações das mulheridades, acometidas por imagens de submissão e candura, difundidas em obras ficcionais canônicas, as quais são autorizadas e reiteradas pelos discursos públicos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, dentro dos limites do diálogo entre Literatura e Psicanálise, explanar conceitos e evidenciar relações entre os métodos de análise psicanalíticos e os atos enunciativos das personagens femininas, no romance pornográfico *A história de cada uma: os*

serões do convento (sd). Para tanto, se fez necessária a exposição de conceitos da Psicanálise, desenvolvidos a partir da relação entre o Real, o Simbólico e o Imaginário para a constituição do inconsciente e organização do consciente, com o intuito de especificar os aspectos de desenvolvimento dos desejos dos seres femininos através do uso da linguagem; como também da Teoria Literária, no que diz respeito aos processos de composição estética e produção de sentido do romance, bem como da sua produção, circulação e apropriação da comunidade leitora, os quais se aliam em prol da compreensão narrativa do gozo feminino.

Uma possível leitura de que a construção da psique humana é transpassada por fatores internos e externos ao indivíduo só foi possível por entendermos que a circulação do romance traz algo de sociedade de sua época, aos moldes da representação chartieriana⁹, logo a manifestação do prazer e a busca pela obtenção do gozo estava evidente nos impressos (livros e jornais) pornográficos de fins de século XIX e início do XX.

A literatura funciona, dessa forma, como um espelho, uma refração subjetiva das inquietações individuais que logo se tornam demasiado comunitárias. Nesse sentido, a descrição minuciosa e explícita da sexualidade feminina em *A história de cada uma: os*

9 “as representações (individuais ou coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não são como simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (CHARTIER, 2010, p. 7).

serões do convento (sd) pode ser relacionada, “instintivamente”, com as concepções psicanalíticas desenvolvidas em seu nascedouro, a exemplo da problematização concebida por Freud sobre a composição da psique, por meio das demandas sexuais e, posteriormente, com as questões colocadas por Lacan, acerca da composição da psique baseada na relação entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, tendo em especial, o Real, como eixo principal da nossa análise, uma vez que tal conceito está intrinsecamente ligado à constituição da sexualidade feminina.

Dessa maneira, fica evidente a necessidade de discutir questões relacionadas à literatura que corria pelas mãos de homens e mulheres do século XIX, para que, assim, exista uma melhor compreensão das concepções empíricas e analíticas diluídas na sociedade, bem como empreender como as movimentações sociais relacionam-se e influenciam o modo de pensar e fazer literatura de um dado período e contexto histórico-social, em especial, poder resgatar obras, autores(as) e leitores(as), esquecidos(as) e/ou silenciados(as) pelo cânone literário.

4. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Natanael Duarte de. de. *Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros*. 2015. 218 p. Tese (doutorado) - Pro-

grama de Pós-Graduação em Letras (UFPB), João Pessoa, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. ed 19. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2.ed. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CLAVURIER, Vincent. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 39, p. 125-136, jul. 2013.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998 [1966].

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Trad. A. Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1981].

LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MAIA, Helder Thiago; LUGARINHO, M.; CUROPOS, Fernando. Literatura à mão: os serões do convento. *Moderna Sprak*, v.112, n. 2, p. 21-35, 2018a.

MAIA, Helder Thiago; LUGARINHO, M. Prefácio: Litera(-mão): Os serões do convento de José Feliciano de Castilho. In: CASTILHO, José Feliciano de (pseudônimo M. L.). *Os Serões do Convento*. Lisboa: INDEX ebooks, 2018b [1862].

MARCOS, Cristina Moreira. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 149-156, jan./mar. 2011.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 53, p. 173 - 191, 20 jan. 2017.

RABELAIS. *A história de cada uma: os serões do convento*. (sd).

SOBRAL, Paula Oliveira. *O Feminino e o Irrepresentável*. 2014. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília; Instituto de Psicologia Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPGPsiCC. Brasília, 2014.

PATRASSO, Rahel e GRANT, Walkiria Helena. O feminino, a literatura e a sexuação. *Psic. clin.*, Rio de Janeiro, vol.19, n.2, p.133 – 151, 2007.